



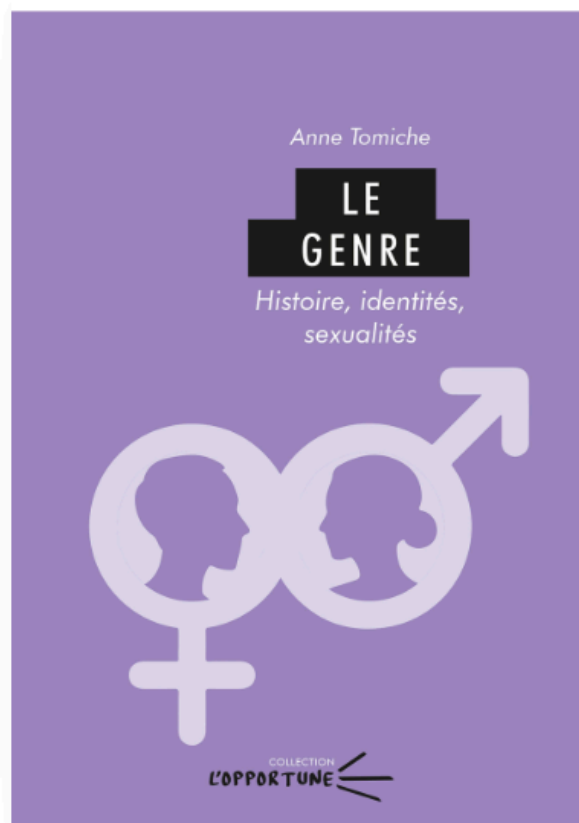
RESENHA



Resenha:

TOMICHE, Anne. **Le genre:** histoire, identités, sexualités. France. Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2024. 63 p.

Viviane de Bona, *Universidade Federal de Pernambuco*





Resenha do livro:

TOMICHE, Anne. **Le genre:** histoire, identités, sexualités. France. Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2024. 63 p.

O livro *O Gênero: História, Identidades, Sexualidades*, publicado por Anne Tomiche, em 2024, se propõe, em linhas gerais, a abordar a origem do termo *gênero*, porém, não na perspectiva etimológica, mas, sim, buscando investigar em que se baseia a noção que tal termo evoca, permitindo-se pensar questões de identidades sexuais e de gênero. Para tal discussão, Tomiche organizou o livro em três capítulos, além da Introdução e Conclusão.

Três questões são o fio condutor desta obra que busca elucidar o sentido e uso do termo gênero no debate contemporâneo: 1ª) O que é gênero (questão de *definições*)? 2ª) Como o gênero funciona enquanto ferramenta conceitual (questão de *modalidades*)? 3ª) O que se pode fazer do e com o gênero (questão de *poder(es)*)?

A autora afirma que “*aujourd’hui, le genre s’invite partout [...]*” (p. 5), ou seja, nos dias de hoje, o gênero está em todo lugar, tanto nos debates sociais como nos estudos universitários. Quer seja para se atacar uma suposta “ideologia de gênero”, ou, ao contrário, para denunciar a dimensão ideologicamente reacionária desses ataques. Com essa natureza, “[...] *le genre mobilise l’université comme la société civile et les politiques*” (p. 5).

Ainda que presente e vivaz atualmente, a palavra *gênero* e a expressão *estudos de gênero* não se impuseram, entretanto, sem resistência na língua francesa. Enquanto o mundo anglófono adotou o termo *gender* (gênero), a França se recusou por muito tempo a empregar o termo gênero com tal sentido, e os Estudos de Gênero tiveram dificuldade de se estabelecer sob esse nome, mesmo que o feminismo, na chamada “Segunda Onda”, nos anos 1970, tenha desempenhado um papel importante na França, levantando questões relacionadas ao que hoje se atribui à sua noção precípua.

Como era de se esperar, essas resistências vieram de fontes conservadoras – em 2005, a Comissão Geral de Terminologia e de Neologia como a Academia Francesa recusou o emprego do termo para designar comportamentos ou identidades sexuais. Vale dizer que as resistências também vieram de pesquisadores e pesquisadoras, pela polissemia do termo e ainda por se tratar de algo “importado” dos



Estados Unidos. Estas relutâncias são demonstradas, por exemplo, no livro *Gênero como Categoria de análise: sociologia, história, literatura* – no original, *Le genre comme catégorie d'analyse: sociologie, histoire, littérature*, organizado por Dominique Fougeyrollas-Schwebel, Christine Planté e Claude Zaidman, em 2003.

Dito isto, é oportuno esclarecer que o termo está agora estabelecido e que programas de Estudos de Gênero, já há algum tempo, são desenvolvidos nas universidades francesas. Assim, na vida cotidiana da comunidade francófona, não somente é comum o cidadão ou a cidadã se identificar com um gênero como já existem verbos derivados desse substantivo: *genrer*, *mégenrer* ou *dé-genrer* – esses dois últimos associados ora à atribuição equivocada do gênero de algum indivíduo, de modo a não fazer jus a sua identidade, ora à desconstrução do que se determina mais a um ou a outro gênero, como nas profissões, por exemplo. Esse fenômeno é o que o sociólogo Alexandre Jaunait chama de Consciência de Gênero e que se desenvolveu significativamente nos últimos 20 anos. Com isto, Jaunait designa, para além de uma categoria de análise, um espaço comum em que o gênero continua a ser reformulado.

Na pesquisa científica, os Estudos de Gênero emergiram nos Estados Unidos entre os anos 1990 e 2000, passando por diferentes nomenclaturas e movimentos. Essas diversas formas que não se constituem um campo unificado, nem uma teoria única, têm em comum, todavia, o interesse da construção e da representação de identidades sexuais e sexualidades. Afirma a autora que a pluralidade de campos institucionais distintos é mais evidenciada nos Estados Unidos do que na França, onde a expressão *estudos de gênero* cobre de forma ampla todas essas diferentes abordagens em suas divergências teóricas. Se, historicamente, os Estudos Feministas e, depois, de Gênero foram desenvolvidos pelas disciplinas de Sociologia, Antropologia, História e Estudos Literários, agora também são realizados por diferentes e variadas disciplinas, como Medicina, Direito e Ciências Exatas.

No decorrer dos capítulos, a autora expõe noções e elaborações teóricas, apresentando autoras e autores, obras e correntes de pensamentos para nos direcionar a uma construção de sentidos e epistemologias que se configuraram (e se configuram) a partir das discussões e movimentos no âmbito acadêmico e social.

No primeiro capítulo, intitulado *Definições*, são apresentadas noções, a começar por 1950, quando o termo gênero aparece nos Estados



Unidos no contexto médico-psicológico. Segue, posteriormente, para uma explanação dos trabalhos feministas e de gênero, que criticam fortemente as normas, elaborando uma definição de gênero como sistema de relações sociais, que afasta daquilo que é, natural e biologicamente, atribuído à mulher e ao homem, sendo a naturalidade do comportamento questionada, chegando à distinção entre gênero e sexo nos debates contemporâneos.

O segundo capítulo, denominado *Modalidades*, tem como cerne a seguinte questão: *Enquanto uma categoria e, portanto, uma ferramenta analítica, como o gênero funciona e como ele opera?* Discorre, então, em tópicos, sobre o gênero como: 1) ferramenta de desconstrução de categorias; 2) ferramenta de análise da performatividade das identidades; e 3) ferramenta de análise das relações de dominação.

O capítulo terceiro, *Gênero e Poder, Poder do Gênero*, apresenta, no tópico poder/saber/gênero, a influência foucaultiana nos estudos que articulam gênero e poder. Mostra como teoricamente esses estudos influenciaram construções e discursos. Abre, então, um tópico, questionando: *O que pode o gênero?* Esse tópico está organizado em outros 3: a) Poder de ação do gênero?; b) Um posicionamento reivindicado e os saberes situados; c) contribuições dos Estudos de Gênero para a pesquisa. Aqui se tem acesso a nuances e possibilidades de análise dos fenômenos sociais que envolvem os estudos acadêmicos e as considerações de militâncias em busca de direitos, já que gênero enquanto ferramenta e como categoria de análise permite “renovar as análises de fatos e fenômenos sociais, literários ou artísticos, em num contexto histórico e geopolítico específico” (p. 54, tradução própria).

Em síntese, a autora nos brinda com o tópico de conclusão, *Queeriser* o gênero, no qual rediscute como aparecem o pensamento teórico *queer*, seus conflitos e paradoxos. Para finalizar, indica que *queer* – na conceituação de Kosofsky Sedgwich e Judith Butler – é o nome de um operador de performatividade que, desestabilizando significados linguísticos para ressignificá-los, perturba as categorias de gênero e perturba o gênero como categoria, ali introduzindo o “problema”. E produz uma forma do que poderíamos até chamar de *dé-genrement* (termo apresentado na Introdução).

Por essas acepções apresentadas, recomenda-se a leitura para que as desconstruções e o rompimento com aquilo que está naturalizado em nosso cotidiano seja alcançado. Com um viés provocador e também esclarecedor, a obra conecta as construções teóricas ao contexto francês e



possibilita a ampliação e o estabelecimento de relações a partir das distintas vertentes e teorias apresentadas. Assim, o livro oferece contato com paradoxos e movimentos que indicam tensões e caminhos, na reformulação constante do sentido do termo gênero, nos domínios acadêmico e social, o que favorece estudos que tenham o gênero como instrumento.

Viviane de BONA

Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Integra o Programa de Pós-Graduação em Educação e o Mestrado Profissional em Educação Básica da UFPE. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinar em Formação Humana, Representações e Identidades – GEPIFHRI/UFPE/CNPq.

Recebido em: 02/01/2025

Aprovado em: 03/03/2025